

## VISÕES DO PARAÍSO

Da sala sem janelas onde decorreram as aulas do meu mestrado, no novo *campus* da Ajuda, numa faculdade que então abandonava as suas seculares memórias para se situar num lugar inóspito e gelado, pensava como seria estudar lá fora. Queria, porque queria, um país onde o território se abrisse grande, livre, cheirasse a terra molhada e a vegetação fosse voluptuosa. Era esta a minha visão do paraíso, mais por um imaginário do que propriamente pelo currículo académico ou pelos professores que não conhecia. Um país longínquo e sossegado. Tropical. Escolhi o Brasil. Nele, a cidade de São Paulo que é o contrário disso tudo. É certo que quando chove não se pode fazer mais nada a não ser esperar. Mas nem as vistas são suficientemente largas, nem a vegetação pode crescer, oprimida que está pela massa edificada. Prédios e mais prédios, numa cidade onde os rios Tiête e Pinheiros quase se aparentam a córregos.

«Mas porque não vais estudar em Barcelona, para os Estados Unidos ou Londres?» Tomei a perplexidade dos amigos como coisa auspiciosa. Só fiquei preocupada quando percebi nos brasileiros um certo tom jocoso. «Cê é portuguesa? O que faz aqui? Queria ver o outro lado do mundo?» «É... Pode ser...» Não sabia.

Fui. Aterrei numa cidade que do céu parece espalmada contra uma topografia quase plana. «É uma *pizza!*», ditou uma criança do avião. Guardei assim uma primeira imagem. Depois fui coleccionando outras. Não posso dizer que São Paulo me tenha logo encantado. Uma correria. Uma fealdade arrepiante. Devia ter escutado melhor a letra de *Sampa*, mas estava desatenta, entusiasmada com a data da partida. Das outras imagens, a escola, o casarão da família Penteadado, entalado no bairro chique de Higiênopolis, feito em arquitectura ecléctica, produto da

riqueza do café, onde sabiamente o Professor Carlos Lemos expunha as suas aulas. Corre na escola que, noutros tempos, o Lemos enrolava pacientemente na aula cigarros de palha, último vestígio da cultura *caipira*, enquanto falava baixinho. Carregava o peso da lenda e, também por isso, o admirei. É um homem extraordinário. Foi chefe do gabinete paulista de Niemeyer e por fim dedicou-se à história. Dele encontrei pinturas na Pinacoteca do Estado, quadros datados dos anos 70.

Na casa Penteado adaptada a escola, cuja família se endinheirou a fazer sacas para o café, fiz a primeira amizade que era de Pernambuco, era «estrangeira» como eu (confirmava o Lemos). Nessa casa, também, me percebi ignorante. De que me serviam agora nas aulas de história da arquitectura do café, os Venturas, os Norte Júniores, os Linos, os Cassianos ou os Porfírios que tinha estudado nos últimos anos? Ou até os mais recentes, os «modernos»? Quem eram Ramos de Azevedo, o belga Dubúgras, o português Severo, o russo Warchavchick, de que todos falavam com tanta familiaridade? Aprender tudo de novo, sem possuir um passado como moeda de troca, é a melhor experiência de se estudar lá fora. Depois há também o modo como nos vêm os outros. Esses «outros» que de alguma forma nós, portugueses, também ajudámos a fazer e que se referem a nós como «eles».

Nem sei «precisar» (com sotaque brasileiro) muito bem quando é que me reconciliei com a cidade. Lembro-me do quanto me aborreci numa outra aula onde se discutiam projectos estrangeirados. Nada que se assemelhasse à arquitectura que procurava em São Paulo. No penúltimo dia de aulas, um grupo de arquitectos, que já percebera inquieto, surgiu com um projecto que foi uma espécie de redenção. Possuía uma generosidade espacial que me habituara ingenuamente a classificar como «brasileira». Gostei. Melhor que isso, fiz deles meus amigos para reunir os meios necessários ao *garimpo* nesse campo imenso que é a arquitectura que se faz e fez nesse país.

Esse momento de redescoberta é também uma das melhores experiências que o «exílio» nos traz. Espantei-me com a intransigência dessa arquitectura, que no início tomei como indisponibilidade para o resto do mundo. Precipitei-me, é certo, como acontece sempre que cultivamos verdades inabaláveis. Hesi-tei muitas vezes, principalmente quando o tema era o «colonialismo». Percebi que a contemporaneidade brasileira transporta ainda essa necessidade de emancipação própria dos países «novos». Vive-se na urgência. Uma antropofagia que tudo transforma, porque vive na ilusão de uma construção permanente. Disto

se alimenta ainda a escola. Dos mestres entretanto desaparecidos que participaram na sedimentação de uma «alma» brasileira. Do mito do *Macunaíma* vivido como um grito de independência cultural. Dos debates sobre a nacionalidade que escutados de longe, da nossa Europa vagamente reunida, nos parecem obsoletos. No fim, deixei-me encantar pelas sonoridades dessa arquitectura que se comporta como se o mundo todo necessitasse ainda de abrigos, de amplos gestos para contrariar a injustiça social, numa obsessão pela beleza. Falavam ainda da função social do arquitecto... São Paulo surgiu-me então uma cidade bela.



Paulo Mendes da Rocha. Praça do Patriarca, São Paulo, 1992-2002 [2003]

## A CASA JOÃO PACHECO DE MELO

A Casa João Pacheco de Melo localizada em São Vicente Ferreira (São Miguel, Açores, 1992-2001) de Pedro Maurício Borges é, antes de tudo, um ensaio sobre a continuidade. Prémio Secil Arquitectura 2002, esta Casa, enquanto convoca o passado recente da arquitectura portuguesa, interpreta simultaneamente os sinais da «cultura localizada» que caracteriza o arquipélago. Ao fazê-lo manifesta o desejo da arquitectura moderna em encontrar cada localidade regional, revestindo esse discurso dos elementos que permitem identificar um «tempo» actual.

Pedro Maurício Borges detém-se sobre as casas iniciais de Álvaro Siza, quando este cruza um primeiro modernismo com a «ancestralidade» de Fernando Távora. A Siza vai portanto buscar o intimismo dos primeiros projectos que se reflecte essencialmente na forma, mas também na escala e na inserção no território. Como resultado mais imediato, há na Casa de Maurício Borges uma forte carga «nostálgica» que, todavia, é desestabilizada pela maneira como as referências vão sendo trabalhadas.

Formal e escultórica, a Casa João Pacheco é um ponto de partida para uma narrativa. Nasce compacta, mas fragmenta-se, corta-se, e acaba por sentir necessidade em se auto-referenciar. Transforma-se num «caso demonstrativo», o que significa surgir como obra simbólica para uma região e, principalmente, para uma geração. Mas a Casa não deixa de ser um corpo estranho, apesar de todas as verosimilhanças que transporta.

Acentua-o o seu carácter paradoxal, medido no confronto entre duas faces: a fachada «pública» — a do óculo que a personaliza —, e a que lhe é oposta, onde a cobertura — feita num só plano — repousa. O discurso polariza-se entre

estes dois acontecimentos: um de receptividade, outro de domesticidade. Entre eles há um intervalo, que é o vazio do interior ou o miolo da casa, onde o programa doméstico se desenvolve sem sobressaltos. Como explicou melhor Vítor Figueiredo, «a sua arquitectura oferece-se à apropriação de quem a habita, tão tranquila como o mundo onde a casa aconteceu»<sup>1</sup>.



Pedro Maurício Borges. Casa João Pacheco de Melo,  
São Miguel, Açores, 1992-2001 [2002]